

Índice

Prefácio	9
A Minha Vida num relance (“Lebensabriss”, 1930)	27
Da República Alemã (“Von deutscher Republik”, 1922)	72
Cosmopolitismo (“Kosmopolitismus”, 1925)	115
O Lugar de Freud na História das Ideias Moderna (“Die Stellung Freuds in der modernen Geistesgeschichte”, 1929)	123
Alocução Alemã. Um Apelo à Razão (“Deutsche Ansprache. Ein Appell an die Vernunft”, 1930)	146
Os Tormentos e a Grandeza de Richard Wagner (“Leiden und Größe Richard Wagners”, 1933)	166
Viagem Marítima com <i>Dom Quixote</i> (“Meerfahrt mit <i>Don Quijote</i> ”, 1934)	225
Schopenhauer (“Schopenhauer”, 1938)	270
Hitler, Meu Irmão (“Bruder Hitler”, 1939)	317
Introdução à <i>Montanha Mágica</i> (“Einführung in den <i>Zauberberg</i> ”, 1939)	325
A Arte do Romance (“Die Kunst des Romans”, 1939)	340
Ouvintes Alemães! (Seleção) (“Deutsche Hörer!”, 1940–45)	353
Em Homenagem ao Escritor. Franz Kafka e <i>O Castelo</i> (“Dem Dichter zu Ehren. Franz Kafka und <i>Das Schloß</i> ”, 1941)	416
Os Campos (“Die Lager”, 1945)	424
Por Que Razão não Regresso à Alemanha (“Warum ich nicht nach Deutschland zurückgehe”, 1945)	427
A Alemanha e os Alemães (“Deutschland und die Deutschen”, 1945)	436
A Filosofia de Nietzsche à luz da Nossa Experiência (“Nietzsches Philosophie im Lichte unserer Erfahrung”, 1947)	456
O Artista e a Sociedade (“Der Künstler und die Gesellschaft”, 1952)	490

A Minha Vida num relance¹

Nasci em 1875 em Lübeck, como segundo filho do comerciante e senador da cidade livre Johann Heinrich Mann e da sua mulher, Julia da Silva-Bruhns. O meu pai era neto e bisneto de cidadãos de Lübeck, mas a minha mãe viera ao mundo no Rio de Janeiro, filha do proprietário alemão de uma plantação e de uma brasileira portuguesa-crioula, e fora transplantada para a Alemanha aos sete anos de idade. Tinha um tipo declaradamente românico, fora uma beldade muito admirada na juventude e possuía um extraordinário sentido para a música. Se eu perguntar a mim mesmo a origem hereditária do meu temperamento, vêm-me inevitavelmente à ideia os versinhos famosos de Goethe e constato que também eu herdei do pai “a vida a sério querer levar”, mas a “alegre natura”, ou seja, a orientação artístico-sensual e — no sentido mais amplo da palavra — o “gosto de efabular”, vem-me da mãe.²

A minha infância foi acarinhada e feliz. Os cinco irmãos que éramos, três rapazes e duas raparigas, crescemos numa moradia elegante da cidade que o meu pai construíra para si e para os seus, e disfrutávamos de um segundo lar na velha casa de família junto

1 Este ensaio autobiográfico foi escrito em janeiro e fevereiro de 1930, correspondendo ao desejo da Academia Sueca de dispor de uma biografia do autor laureado em 1929 com o Prémio Nobel da Literatura. Viu a primeira publicação no número de junho de 1930 da revista *Die Neue Rundschau*.

2 Referência aos versos iniciais do conhecido poema autobiográfico de Johann Wolfgang von Goethe, publicado em 1827 nas “Xénias Mansas”: “Vem-me do pai a estatura / E a vida a sério querer levar, / Da mãe a alegre natura / E o gosto de efabular.”

à Marienkirche, onde a minha avó paterna morava sozinha e que hoje, transformada em “casa dos Buddenbrooks”, constitui objeto de curiosidade turística. Mas as épocas mais luminosas da minha juventude eram as férias de verão anuais em Travemünde, com as suas manhãs de banhos na praia do golfo do Mar Báltico e as suas tardes aos pés do templo da música das termas em frente às instalações do hotel, amado quase com a mesma paixão. Eu gostava indescritivelmente do idílio requintado, protegido e imune a contrariedades desta estada, com refeições de *table d’hôte* de uma série de pratos; esse idílio favorecia a minha propensão natural a uma indolência sonhadora, só muito mais tarde razoavelmente corrigida, e, quando as quatro semanas, de início infindáveis, terminavam e se tratava de regressar a casa e à vida de todos os dias, sentia o peito rasgado pela dor pastosa da autocomiseração.

Detestava a escola e, até ao final, não estive à altura das suas exigências. Desprezava-a como ambiente, criticava as maneiras dos seus responsáveis, e cedo me encontrei numa espécie de oposição literária contra o seu espírito, a sua disciplina, os seus métodos de adestramento. A minha indolência, talvez necessária para o meu crescimento pessoal; a minha necessidade de muito tempo livre para o ócio e a leitura em silêncio; um autêntico torpor do meu espírito, de que ainda hoje sofro, fazia-me odiar a obrigação de aprender e levou a que a desdenhasse numa atitude de desafio. Talvez o curso de Humanidades tivesse sido mais adequado às minhas necessidades intelectuais. Destinado a comerciante — de início, sem dúvida, destinado a herdeiro da firma —, frequentei as aulas do curso técnico do Katharineum, mas só cheguei até à obtenção da certidão de aptidão para o serviço militar voluntário de um ano, ou seja, até à transferência para o sétimo ano. Ao longo de quase toda a duração deste percurso aos soluços e pouco satisfatório, ligou-me ao filho de um livreiro falido e falecido uma amizade que se afirmou numa troça e num escárnio fantásticos e cheios de humor negro a “tudo aquilo”, ou seja, à “instituição” e aos seus funcionários.

Junto desses funcionários, o facto de eu “escrever” jogava muito em meu desfavor. Provavelmente por vaidade, eu não fora suficientemente discreto a este respeito. Um romance em verso à morte heroica de Árria, *Paete, non dolet*, de que me vangloriei diante de um

colega e que este, meio por admiração, meio por maldade, entregara ao professor, já no quarto ano tornara clara aos olhos dos superiores a minha indisciplinada excentricidade. Eu tinha começado com dramas infantis, que representava com os meus irmãos mais novos diante dos pais e das tias. Seguiram-se poemas a um amigo querido que, sob o nome de Hans Hansen, ganhou uma certa vida simbólica em *Tonio Kröger*, mas, pessoalmente, se entregou mais tarde à bebida e encontrou um fim triste em África. Em que veio a dar o meu par das aulas de dança de tranças castanhas, objeto de mais lírica amorosa, não sei dizer. Só muito mais tarde cheguei a tentativas narrativas, até mesmo só depois de pôr de parte uma fase crítico-ensaística. É que, numa revista escolar pouco conforme à escola, de seu título *A Tempestade Primavera*, que dirigi no sexto ano juntamente com alguns colegas revolucionários do sétimo, brilhei principalmente como autor de editoriais filosófico-subversivos.

Foi há cinco anos que (por ocasião do jubileu dos 700 anos da cidade livre) voltei a cruzar-me em Lübeck com o meu professor de Alemão e Latim e diretor de turma do sexto ano. Disse ao encanecido professor emérito que, como era evidente, eu dera sempre a impressão de ser um consumado incapaz, mas, no meu íntimo, aproveitara muito das suas aulas. Para provar, repeti-lhe a máxima reiterada com que ele costumava recomendar-nos as baladas de Schiller como uma leitura incomparável: “Não é uma coisa qualquer que ledes, é a coisa melhor que podeis ler!” “Eu dizia isso?”, exclamou ele, e ficou muito contente. —

O meu pai morreu de septicémia numa idade relativamente jovem, tinha eu quinze anos. Graças à sua inteligência e à sua superioridade formal, fora um homem altamente prestigiado, popular e influente na cidade, mas havia anos que já não estava muito satisfeito com o curso dos seus negócios privados e, após um enterro que, quanto à pompa solene e à participação, superou tudo o que se via no seu género, a firma de cereais mais do que centenária fechou as portas. Também a casa da cidade foi vendida, como já antes acontecera com a casa da avó, e nós trocámos o amplo lar em cujo salão de baile assoalhado os oficiais da guarnição haviam feito a corte às filhas do patriciado por uma moradia com jardim fora de portas. Em breve, porém, a minha mãe se foi definitivamente embora da cidade. Ela amava o

Sul, as montanhas, Munique, que conhecera em viagens com o meu pai, e mudou-se para lá com os irmãos mais novos, deixando-me alojado em casa de um professor de liceu para ver se terminava a escola, juntamente com jovens aristocratas e filhos de latifundiários do Mecklemburgo e de Holstein, que frequentavam a escola em Lübeck.

Tenho gratas recordações desse período. A “instituição” já nada esperava de mim, abandonou-me ao meu destino, que era perfeitamente obscuro para mim próprio, mas cuja incerteza, uma vez que, apesar de tudo, eu me sentia inteligente e saudável, não conseguia pesar-me. Ia às aulas, mas, de resto, vivia, por assim dizer, em plena liberdade e dava-me bem com os meus colegas de pensão, em cujas precoces farras estudantis participava com uma petulância jovial. Depois, uma vez atingido o objetivo da formação escolar, com que me dei por satisfeito, segui os passos dos meus indo para a capital bávara e, ali, com a palavra “transitoriamente” no coração, entrei como estagiário para o escritório de uma companhia de seguros contra incêndios, cujo diretor chefiara anteriormente um estabelecimento semelhante em Lübeck e fora amigo do meu pai.

Um episódio singular. Entre funcionários que tomavam rapé, eu copiava relatórios e, ao mesmo tempo, escrevi em segredo na minha secretária de tampo inclinado a minha primeira narrativa, uma novela amorosa com o título *Perdida*, que me trouxe o primeiro êxito literário.³ Não se tratou apenas de a novela ser publicada na mesma revista militante socialista-naturalista, *Die Gesellschaft*, de M. G. Conrad⁴, que já publicara um poema meu nos tempos da escola e gozava de bom acolhimento entre os jovens; a novela valeu-me também uma carta calorosa e encorajadora de Richard Dehmel⁵, e até, pouco depois, a visita do admirado escritor, cuja humanidade entusiástica encontrara traços de talento no meu produto gritante-

3 A novela *Gefallen* (*Perdida*) foi publicada em 1894, tinha o autor 19 anos. Só postumamente passou a figurar nas obras completas, dado que, em vida, Thomas Mann recusaria autorizar a reedição.

4 A “revista realista” *Die Gesellschaft* (*A Sociedade*), fundada em 1885 por Michael Georg Conrad e publicada até 1902, desempenhou um papel fundamental na difusão das tendências naturalistas na Alemanha e na afirmação da modernidade literária muniquense.

5 Richard Dehmel (1863-1920), um dos mais importantes poetas alemães do período anterior à Primeira Guerra Mundial.

mente imaturo, mas talvez não destituído de melodia, e, desde essa altura, até morrer, acompanhou o meu percurso com simpatia, amizade e honrosas profecias.

O meu trabalho no escritório, em que eu vira desde o início uma situação puramente provisória para me ir governando, terminou logo ao fim de um ano. Com o auxílio de um advogado que aconselhava a minha mãe e ganhara confiança em mim, conquistei a liberdade. Com a sua aprovação, declarei que queria ser “jornalista”, matriculei-me como ouvinte nas escolas de ensino superior de Munique, a Universidade e o Politécnico, e inscrevi-me em disciplinas que pareciam adequadas para me preparar em geral para aquela profissão algo indefinida: aulas de História, de Economia Política, de História da Arte e História da Literatura, que, durante um certo período, frequentei com regularidade e não inteiramente sem proveito. Fiquei particularmente fascinado por um curso sobre “Épica cortês” que o poeta e tradutor do médio alto alemão Wilhelm Hertz⁶ dava na altura no Politécnico.

Fazendo vida de estudante sem o ser oficialmente, travei conhecimento na biblioteca da Universidade com membros da “Sociedade Académico-Dramática” e tornei-me associado de uma súa de café com aspirações teatrais e literárias, no seio da qual, na qualidade de autor de *Perdida*, desfrutava de um certo prestígio. O meu principal interlocutor entre os colegas era um jovem jurista do Norte da Alemanha, de nome Koch, que enveredou mais tarde por uma carreira na administração, veio a ser burgomestre de Kassel e, sob o nome de Koch-Weser, desempenhou um papel relevante na política. Após a revolução, foi ministro do Interior do Reich e é ainda hoje dirigente do Partido Democrático da Alemanha. Também escritores e poetas de nome feito, como O. E. Hartleben, Panizza, J. Schaumberger, L. Scharf, o velho Heinrich von Reder⁷, frequentavam regularmente

6 Wilhelm Hertz (1835-1902) ficou sobretudo conhecido pelas suas traduções da literatura medieval alemã e francesa.

7 Otto Erich Hartleben (1864-1905), escritor ligado aos círculos naturalistas alemães, de grande renome na época; Oskar Panizza (1853-1921), autor próximo dos círculos naturalistas, a sua obra erótico-satírica (nomeadamente, *O Concílio do Amor*) esteve no centro de vários escândalos; Julius Schaumberger (1858-1924), dramaturgo muni-quense; Ludwig Scharf (1864-1950), poeta, figura proeminente da boémia literária de Munique; Heinrich von Reder (1824-1909), poeta e pintor paisagista.